

A formação de professores e a qualidade do ensino

Entrevistado: António Sampaio da Nóvoa

Maria de Fátima Rodrigues Pereira (MP)*

Leonir Lorenzetti (LL)**

Esta entrevista foi realizada com o Professor António Sampaio da Nóvoa (AN), no dia 30 de agosto de 2006, pela Professora Maria de Fátima Rodrigues Pereira e pelo Professor Leonir Lorenzetti, quando da vinda do professor português à cidade de Caçador, onde proferiu a Conferência intitulada “A formação de professores e a qualidade do ensino.”

O registro do Professor Nóvoa tem um caráter de urgência própria de um tempo entre o fim de uma manhã, durante a qual pode expor suas teses e responder às perguntas de professores e a necessidade de voltar a Curitiba para pegar um vôo até Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Entretanto, como veremos, apesar do tempo, três importantes temas são chamados por alguém que olha de fora o Brasil, sem, contudo, deixar de estar próximo; é o olhar também de quem costuma ver muitas realidades educacionais. Diríamos, com mero caráter de introdução, que três foram os assuntos sobre os quais foi possível ao Professor Nóvoa discorrer: o primeiro foi sobre o modelo fundacional de universidade, que é tão presente no estado de Santa Catarina e que compõe o Sistema Acafe; o segundo era referente aos afazeres da escola no Brasil e o quanto a vê sobrecarregada pelas questões sociais da pobreza e da violência em detrimento do seu trabalho específico – o ensino e aprendizagem –;

* Doutora na FAE – Unicamp, onde defendeu a sua tese intitulada: Formação de professores em nível superior no estado de Santa Catarina: controle e desoneração do estado; é também autora do livro: Concepções de História na Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina, publicado pela Ed. Grifos/Argos.

** Doutorando no Programa de Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina. São de sua autoria, ou co-autoria os trabalhos:

LORENZETTI, L. Inserção da Educação Ambiental nas escolas: Limites e Possibilidades. Revista Virtual Contestado e Educação, Caçador, SC, v. 6, 2003.

LORENZETTI, L.; DELIZOICOV, D. Educação ambiental: um olhar sobre dissertações e teses. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências. No prelo.

LORENZETTI, L.; DELIZOICOV, D. A produção acadêmica brasileira em Educação Ambiental. In: CONGRESSO EUROPEU CEISAL DE LATINOAMERICANISTAS, 5., 2007, Bruxelas, Bélgica. Anais eletrônicos... Bruxelas, Bélgica, 2007. Disponível em: < <http://www.reseau-amerique-latine.fr/ceisal-bruxelles/CyT-MA/CyT-MA-2-Lorenzetti.pdf>>.

chega a dizer: “Eu julgo que esse foco na prática pedagógica falta, às vezes, e muito no Brasil. Há muito movimento; muitos projetos, muita atenção às comunidades, muitos projetos políticos. Eu acho que faltam movimentos pedagógicos mais centrados na aprendizagem [...]”, chegando a se referir à necessidade de uma “[...] comunidade profissional que tenha voz ativa nos debates educacionais.” E, ainda, “Eu acho que faltam movimentos pedagógicos mais centrados na aprendizagem.” No terceiro tema, foram explicitados os pressupostos ligados à sociedade de informática. Nesse momento, fica clara a necessidade dos professores saberem do seu trabalho e como ajudar a organizar o trabalho dos estudantes; reportou-se a tal, dizendo que gosta muito de um texto de uma professora americana do nível primário “[...] que diz que o que gosta de fazer é mesmo de ensinar, mas que mais da metade do seu tempo, é gasto em organizar as condições para ensinar.”

Convidamos a todos para leitura da entrevista, sabendo que o Professor António Sampaio da Nóvoa é senhor de um extenso e rico currículo acadêmico: é Doutor em História Moderna e Contemporânea pela Universidade de Paris IV – Sorbonne e, também, em Ciências da Educação pela Universidade de Génève na Suíça, onde defendeu tese sobre a História do Processo de Profissionalização da Atividade Docente (séc. XVIII a XX). Com larga experiência e interlocução internacional pela sua colaboração em programas de doutorado nas universidades de Barcelona, Génève, Montreal, São Paulo e, também, por ter sido, duas vezes, professor convidado, por um ano, respectivamente, na University of Wisconsin – Madison e na Columbia University – New York, além de ter proferido conferências em Congressos e Meetings. Foi presidente da Associação Internacional de História da Educação durante 2002 e 2003. Ocupa atualmente o cargo de Reitor da Universidade de Lisboa e participa ativamente do debate em torno da educação e da ciência em Portugal. É autor, dentre outras obras: *Profissão Professor*, publicada pela Porto Editora, em 1991; *Vidas de Professores*, também publicada pela Porto Editora, em 1992 e coordenou a *Publicação do Dicionário de Educadores Portugueses*, da Editora Asa, em 2003 e, em colaboração com Filomena Bandeira, *Fronteiras e Limites da Educação*, obra também publicada pela Editora Asa.

MP: Professor António Nóvoa, é um prazer falar com você e desde já agradecemos esta entrevista. Quais são suas impressões do que acaba de viver?

AN: Para mim, foi muito interessante vir aqui conhecer a universidade, e essa lógica da universidade com diferentes *Campi* me parece muito interessante. E, também, a lógica da própria gestão da universidade que eu não conhecia, que é no fundo nem ser uma universidade pública, nem uma universidade privada. Esse modelo fundacional é que é curioso e interessante. Para mim, é muito importante fazer contatos com professores do interior, com professores que, muitas vezes, não vão a grandes congressos internacionais, ouvir as questões que eles têm, sentir as reações deles e ver que há um diálogo é, a meu ver, algo essencial; é, para mim, muito estimulante, muito gratificante. Eu julgo que eu não poderia ter escrito nem metade das coisas que escrevi, nem ter pensado a metade das coisas que pensei, se não fosse a partir dessa espécie de interação, de diálogo, de ouvir as questões que as pessoas têm a dizer e depois refletir sobre elas. Cada questão que se coloca depois de uma palestra constitui-se em uma nova reflexão que eu vou agora trabalhar. Provavelmente, no que vou dizer amanhã, em Porto Alegre, já há coisas que estão incorporadas das que foram ditas hoje, quer dizer, vai se incorporando isso na medida em que se coloca a questão e como se procuram as respostas; para mim, é muito importante esse lado. Em Portugal, também mantenho muitas idas às escolas, a escolas do interior; é porque, nos eventos, muitas vezes, as pessoas dizem “[...] não foste ao congresso internacional foste convidado para fazer a palestra de abertura daquele grande congresso internacional e, ao invés de ires, foste fazer uma coisa numa escola primária.” Para mim, ir a uma escola do interior é mais importante do que fazer a palestra de abertura de um grande congresso internacional e, nesse sentido, vir ao interior do estado de Santa Catarina, conversar com professores, foi muito interessante. Eu gostei muito daqui e espero ter a oportunidade de ampliar esse contato.

LL: Nóvoa, quando você compara a educação em Portugal e no Brasil, pela sua fala, fica evidente que está acontecendo, em Portugal, certo salto qualitativo. Na sua opinião, o que seria necessário fazer no Brasil, para que a gente também pudesse dar esse salto qualitativo, no sentido de melhorar a aprendizagem de nossos alunos?

AN: É difícil falar dos outros países, mas eu julgo, e é por isso que eu pus essa tônica na fala, que o problema social no Brasil é muito forte e tem desdobramentos em mais que uma dimensão. Outro dia, eu vi uma professora que, no final da palestra, veio ter comigo, eu tinha feito uma boa parte da fala sobre a questão da violência, ela veio contar situações de violência que ela vivia diariamente na escola dela, coisas impensáveis, numa dimensão tal; um aluno dela chegou a ser assassinado dentro da sala. Isso, em Portugal, é uma coisa impensável. A dimensão do plano social é muito forte e como ela é muito forte, ela é muito presente; há, então, uma tendência, muitas vezes, dos professores a ficarem por essa dimensão, ela está tão forte, tão presente e ficam somente nessa dimensão. Eu acho que não é injusto dizer que desvalorizam a dimensão da aprendizagem, não dar importância a isso, pelo fato da criança ter fome, da criança ter situações de violência. O que eu procurei fazer hoje é um crime contra o discurso. Eu conheço esse estudo e, provavelmente, se estivesse na situação desses professores, faria a mesma coisa. Não estou criticando ninguém, mas estou a dizer que, ao fazermos isso e ao esquecermos a dimensão da aprendizagem, eu acho que é o pior serviço que podemos prestar às crianças. A curto prazo, a criança tem a sua alimentação, a sua saúde, isso é um serviço bom que estamos a prestar, mas a médio prazo, é o pior que estamos a prestar, pois estamos a excluí-la de um mundo de pessoas educadas e, por isso, eu julgo que é preciso criar, tentar criar grupos coletivos aqui no Brasil, movimentos dos professores. Foi assim em Portugal, os professores fizeram grupos que se reuniam aos sábados, como era na Escola da Ponte. Tudo isso, aos sábados à tarde, os professores se reuniam e discutiam as coisas práticas, o que fizeram durante a semana, o que farão nas semanas seguintes, as dificuldades sentidas e írem criando um movimento em que as pessoas vão se apoiando umas nas outras; quer dizer, é necessário criar um movimento de maneira a trazerem as questões da aprendizagem para uma grande centralidade, isso é importante. Muitas vezes, um bom professor é capaz de fazer tudo ao mesmo tempo, eu sei que um professor é capaz de fazer tudo ao mesmo tempo e não esquecer a dimensão da aprendizagem, mas um bom professor há um em cada cem. E os outros noventa e nove? É um pouco assim; muitas vezes,

na universidade, os meus colegas dizem-me: um bom professor universitário não precisa de pedagogia para nada, não precisa de nenhuma formação pedagógica. Há pessoas que tem o dom da palavra, da comunicação, mas isso é um em cem. E os outros noventa e nove que não têm? Eu julgo que essa dimensão do movimento pedagógico eu não estou a falar nem do movimento sindical, nem do movimento político. Tudo isso é importante, mas tudo isso tem o seu lugar, mas estou a falar do movimento pedagógico, dos professores que se juntam em torno de um debate sobre suas práticas pedagógicas, sobre a maneira como elas podem ser construídas, estruturadas. Depois, fazem isso não durante um mês, dois meses, durante dez anos, vinte anos. A Escola da Ponte cresceu, a princípio, nos anos 1980, lá se vão vinte e seis anos e, durante vinte anos, ninguém ouviu falar da Escola da Ponte, nem sequer se sabia que existia. Foram vinte anos de construção de uma prática pedagógica, de uma cultura, mas o que é muito interessante é que, quando você consegue construir essa cultura dentro de uma escola, é muito difícil voltar atrás. Parece que ganha uma naturalidade, parece que é normal que seja assim. Eu, quando numa das primeiras vezes que a experiência da Escola da Ponte veio a se tornar uma questão do âmbito da política, quando eu era consultor do Presidente da República em 1998, levei o Presidente da República à Escola da Ponte. Sabe, a Escola da Ponte é uma escola primária de ensino. A Casa Civil não queria. O Presidente da República foi à Escola da Ponte e mais, convidei o Presidente da República e uma série de intelectuais e jornalistas que escreviam e falavam muito mal da educação e da escola. Eles, estes convidados foram à Escola da Ponte, o Presidente da República entrou, os alunos estavam a trabalhar e continuaram a trabalhar. Não houve nenhum problema, nenhuma agitação e, no final, dizia um desses intelectuais que criticam a educação: “[...] vocês treinaram muito bem essas crianças para este momento.” Eu disse: “[...] não, aquilo é o dia-a-dia dessas crianças, é o cotidiano delas.” Para ele, era difícil imaginar que o cotidiano de uma escola poderia ser aquela, em que a pessoa entra numa sala com quatro crianças que estão a trabalhar aqui, cinco crianças lá, uma criança ao vento ou fazer outra coisa. Eles acham que é impossível porque para eles uma escola é o professor a dar uma aula para trinta alunos, todas

as crianças uma na frente das outras, uma grande confusão e tal. Eu julgo que esse foco na prática pedagógica falta, às vezes, e muito no Brasil. Há muito movimento, muitos projetos, muita atenção às comunidades, muitos projetos políticos. Eu acho que faltam movimentos pedagógicos mais centrados na aprendizagem.

MP: A educação brasileira forma um painel muito complexo. Nas décadas de 1920, 1930 e 1940, houve um grande movimento de intelectuais, de educadores – renovadores da educação no Brasil –, nomes como Anísio Teixeira e Lourenço Filho deram a este país um, eu diria, um lastro, através das Conferências de Educação, certo projeto para a educação no Brasil. Logo depois, vivemos a Era Vargas, que foi uma ditadura de quinze anos e um pequeno período de dez anos que foi, diríamos, caracterizado por certo processo democrático e mais vinte e um anos de ditadura. O desembocamento disso tudo deu-se na década de 1980, num grande movimento de educadores no Brasil onde, ao que me parece, é o estudo que estou fazendo sobre a formação dos professores; as questões centrais andaram em torno de uma educação para a democracia, para a cidadania, de uma forma muito ambígua. Discutiam-se, também, conquistas sindicais, a gestão da educação, mas não se discutia o trabalho do professor.

AN: Eu sinto isso no Brasil.

MP: Isso tem a ver com o processo histórico brasileiro. Não houve condições históricas para se fazerem essas discussões. Por outro lado, hoje a pesquisa sobre educação é muito ampla no Brasil, ela é feita nos programas *Stricto Sensu*, é dentro deles que está a pesquisa. A UnC, que é uma Universidade emergente que não é uma universidade de excelência, tende a incorporar as discussões que estão postas. A sua vinda é um sinal de que essa temática sobre professores começa a ser importante, porque nós nunca debatemos, nunca tivemos um evento que fosse só sobre formação de professores, mas a sua fala assenta numa perspectiva e você falou muito na centralidade da sociedade informática. Estaria aí a ausência da centralidade do trabalho? Entretanto, você se reporta, logo nas primeiras falas, que é fundamental o

professor ter clareza de como o trabalho tem que ser organizado. Há contradição entre os fundamentos da sociedade-informática e a organização do trabalho como você aborda?

AN: Eu creio que não. Eu acho que, quando nós falamos da organização do trabalho, não estamos falando da organização do trabalho no sentido produtivista, etc., estamos a falar na organização do trabalho que, para mim, é central. O que eu sinto em muitos professores é que não sabem organizar nem o seu trabalho, nem o trabalho dos alunos. Então, faz-me lembrar daquela pessoa que entra num tanque de água e não sabe nadar, que se agita muito, tudo aquilo é muito agitado, e os resultados concretos aqui são muito fracos.

MP: Conversas longas que envolvem o que é o trabalho produtivo, não-produtivo, mas uma coisa muito interessante na formação do professor é como está disposto o seu tempo, pelo sistema de educação, e como ele dispõe o seu tempo de trabalho dentro da escola. Eu vi que você também toca nessas questões.

AN: Eu costumo falar, muitas vezes, numa professora americana que tem um texto muito interessante, uma professora primária que diz que o que gosta de fazer é mesmo ensinar, mas que mais da metade do seu tempo é gasto em organizar as condições para ensinar.

MP: São grandes questões que nós devemos trazer para o debate.

AN: Não há agora mais tempo, mas certamente precisamos manter contato.

